

MÍRIAM LEITÃO



Algumas semelhanças

A ideia da moda dos “cinco frágeis” tem os mesmos defeitos das simplificações feitas pelo mercado quando a avaliação era a de que tudo estava bem. Mesmo assim, é preciso verificar quais fragilidades o Brasil tem neste momento de maior dificuldade do cenário internacional. Nada surgiu de repente. Aqui foi mostrado, várias vezes, o aumento do risco-país medido pelo CDS.

Há meses ele começou a se descolar dos outros países da região — exceto dos doentes crônicos, Argentina e Venezuela. Estava ficando mais alto até do que de países que estiveram recentemente em crise na Europa, como Espanha, Itália e Irlanda. Ao contrário das notas dadas pelas agências, esse mede algo real. O quanto o mercado cobra por um seguro contra aquele país.

Pode parecer exagero, principalmente pelo fato de o Brasil ter reservas cambiais e capacidade de pagar sua dívida. Mas a soma dos indicadores ruins — crescimento rápido do déficit em transações correntes, falta de dinamismo da economia, inflação alta e tendência à desvalorização da moeda — reduz a confiança no país. O Brasil não se parece em todos os pontos com os países que estão sendo vistos como mais vulneráveis, mas, a cada dia, a imprensa internacional descobre mais uma semelhança.

Uma delas, citada pelo “Financial Times” neste fim de semana, foi que alguns países têm o mesmo problema do Brasil: o uso subsidiado dos derivados de petróleo que precisam ser importados. Com a alta do dólar, aumenta o custo dos subsídios ao petróleo e fica difícil mantê-los.

Em outubro, a Indonésia disse que gastaria, em 2014, 11% mais em subsídio aos combustíveis do que tinha gasto em 2013. Mas, depois disso, a rúpia indonésia perdeu 20% do seu valor. Isso significa um aumento desse custo.

A Índia subiu o preço do diesel depois que a rúpia indiana se desvalorizou. A elevação do preço dos combustíveis provocou queda da produção industrial.

Os pontos-chave

Há meses o risco do Brasil descolou de outros países da AL. Superou economias em crise na Europa

O que está acontecendo em vários países é que a desvalorização está tornando pesado demais manter os subsídios. No Brasil, se o dólar continuar subindo, o desequilíbrio financeiro da Petrobras vai se agravar, tornando difícil manter os preços defasados internacionalmente.

O dilema desses países, segundo o “Financial Times”, é o mesmo do Brasil: se for mantido o incentivo ao consumo, aumenta o déficit na balança comercial e o custo fiscal; se os preços forem corrigidos, a inflação sobe ainda mais, cai a renda disponível e isso afeta o crescimento. Os juros podem ter que continuar em alta. Todos são países em que a inflação já está elevada.

Vários alertas foram dados ao governo brasileiro nos últimos anos sobre a inconsistência de subsidiar o uso da gasolina, um combustível fóssil, ao custo de causar perdas para a Petrobras e criar um rombo na balança comercial. Isso sem falar no custo fiscal. Só no ano passado, e apenas com a alíquota zero da Cide, o governo deixou de arrecadar R\$ 11 bilhões. Em outra conta feita para esta coluna, quando a alíquota foi reduzida para zero em 2012, o consultor Adriano Pires disse que a redução paulatina da Cide até a sua eliminação havia subtraído dos cofres públicos R\$ 23 bilhões.

É essa a conta que chega agora. Os analistas olham os indicadores fracos, somam com as tradições da política econômica — como essa de subsidiar o uso de combustíveis fósseis importados — e acreditam que a crise externa vai nos afetar, mesmo que tenhamos outros pontos fortes.

O ano não começou bem para o Brasil. A bolsa fechou o mês de janeiro em queda de 7,5%, com o pior resultado para o mês desde 1995, e ontem caiu mais 3%. O dólar subiu ontem novamente e atingiu a máxima desde agosto, a balança comercial teve déficit de US\$ 4,5 bilhões, o maior já registrado para esse mês na série histórica. A falta de chuvas e o calor forte aumentaram o consumo de energia e fizeram o preço no mercado à vista também bater recorde histórico. Isso aumenta a pressão sobre as contas do governo e sobre a inflação. ●

COM ALVARO GIBEL (DE SÃO PAULO)
oglobo.com.br/economia/miriamleitao

Subsidiar o consumo de gasolina nos últimos anos foi um erro. A conta fica maior com a alta do dólar

Deixar o preço da gasolina subir pressiona a inflação e os juros. Manter o subsídio impacta a Petrobras